

**A História na fronteira:
balanço da produção historiográfica em Mato Grosso após 1970.**

Maria A. Peraro¹
Fernando T. M. Borges²
Otavio Canavarros³
Vitale Joaroni Neto⁴

Introdução

A tarefa de recompor os rumos e os temas da pesquisa histórica em Mato Grosso ao longo dos últimos quarenta anos não foi uma tarefa fácil. , mesmo porque o exercício que procuramos efetuar, sabemos, correu o risco de não ter abrangido e/ou “coberto”, todas as possibilidades abertas a respeito da pesquisa histórica em uma região de fronteira.

Na segunda metade do século XX, esse espaço, foi objeto da geopolítica dos governos militares que visavam a “ocupação” dos chamados “espaços vazios”, reocupados, a partir de então, por populações migrantes provenientes de várias partes do país, principalmente do sul, acentuando assim, os traços culturais de mestiçagem da população mato-grossense e remodelando as práticas econômicas e culturais existentes. A respeito do tema divisão recomendamos leituras dos textos de: Alisolete Weigartner (1995), Jovam Vilela da Silva (1996), Marisa Bittar (1997), Maria Manuela Renha de Novis Neves(2001), Eugenia Coelho Paredes (1977), Fernando Tadeu de Miranda Borges (2007).

Importante ainda refletirmos sobre o significado do fazer pesquisa histórica em Mato Grosso. Trata-se de operar com o específico, o particular, como parte de uma organização mais ampla com a qual este se articula. Tal procedimento, no dizer de Janaína Amado (1990, p.7-15), permite-nos testar no regional/local, as teorias elaboradas a partir de parâmetros gerais. Outro aspecto que vale a pena ser refletido, como desdobramento deste, diz respeito ao porquê de tais pesquisas não serem mais

¹ e-mail: adperaromt@hotmail.com; Professora do PPGHis/UFMT. Mestre e Doutora em História pela UFPR.

² e-mail: ferbormi@uol.com.br; Professor do PPGs em História e Economia da UFMT.

³ e-mail: otaviocanavarros@terra.com.br, Professor do PPGHis/UFMT.

⁴ e-mail: vjneto@uol.com.br; Professor do PPGHis/UFMT. Coordenador do PPGHis – UFMT entre 2009/11.

amplamente divulgadas no âmbito da chamada “historiografia nacional”, uma vez serem, ambas, indissociáveis.

Tais questões exigem que façamos um esforço em relacionar o objeto de estudo com eixos que extrapolam o universo social localizado, e para que, individualmente ou através de posições políticas da Instituição onde encontramos-nos, possamos garantir a visibilidade de tais pesquisas.

Soma-se a isso, o fato de que em tais regiões, como Mato Grosso, pesquisadores contam com uma gama de Instituições públicas e privadas equipadas de arquivos e acervos, ainda pouco explorados, e que se destacam pelo ineditismo das fontes documentais, manuscritas, impressas, fotográficas, entre outras.

Vale ressaltar que embora esforços venham sendo feitos, torna-se imprescindível a capacitação de historiadores na área da arquivística para identificação, arranjo e catalogação dos acervos públicos e particulares. Esse estudo contempla e fornece um resumo do quadro historiográfico de Mato Grosso, sem a pretensão de esgotar a tarefa. Nas nossas reflexões optamos por centrar maior ênfase nos arquivos e Instituições de pesquisas, trazendo parte da produção realizada, dentro da diversidade de temáticas propostas.

Chamamos primeiramente atenção para a produção da pesquisa histórica ocorrida no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), fundado em 1919, Academia Mato-Grossense de Letras, originada no Centro Mato-grossense de Letras criado no ano de 1921, Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) e Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (IPHAN).

Pesquisadores de Mato Grosso têm-se beneficiado com os artigos das revistas do IHGMT e da Academia Mato-Grossense de Letras, publicados desde sua fundação aos dias atuais, particularmente os catálogos (SIQUEIRA, 1999), publicações avulsas, homenagens a personagens com destaque para Lenine Póvoas (2000) e álbuns comemorativos aos jubileus (IHGMT, 2010). Nas revistas localizam-se informações sobre a Biblioteca da “Casa de Barão de Melgaço” (sede do IHGMT), coleções documentais que compreendem registros da produção de memorialistas, profissionais liberais, bibliógrafos, políticos, geógrafos e historiadores que tem se mantido ao longo do tempo. Também compreendem trabalhos gerados por sócios e membros das duas instituições; bem como sobre institutos culturais, a exemplo do Instituto de Pesquisa

Dom Aquino Corrêa, Grêmios Literários, do Acervo Ramiro Noronha (junto ao Serviço de Proteção ao Índio) e periódicos raros, como exemplares da imprensa local e nacional e o trabalho como o de Nóbrega (2001) *Memórias de um antiquário viajante*, originalmente publicado em 1984, opúsculo no qual está relatada a venda de peças da antiga catedral de Cuiabá, demolida em 1968.

Por fim, podemos encontrar um conjunto de obras de sócios e de patronos, como as do escritor e magistrado José de Mesquita, na Revista do IHGMT, Tomo CXXXVII-CXXXVIII, Ano LXIV de 1992. Esta publicação, nos últimos anos tem recebido os estudos de historiadores e estudiosos interessados em pesquisar a história das origens e práticas jurídicas em Mato Grosso (MACHADO FILHO, 2004), personagens femininas (PINTO, 2005) e famílias (ALENCAR, s/d). Há também a tese de Renilson Rosa Ribeiro (2009), sobre o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império*, em que discute a nacionalidade, a partir de Francisco Adolfo de Varnhagem.

O Arquivo Público de Mato Grosso (APMT) é um dos arquivos estaduais que possui o maior volume de documentos sobre os períodos colonial, imperial e republicano. Das publicações do APMT, encontram-se as revistas do Arquivo Público, editadas ao longo da década de 1980 e o livro organizado por Yumiko Takamoto Suzuki (2007), *Annaes do Sennado da Camara do Cuyabá, 1719-1830*. Citaremos alguns dos livros publicados pelo APMT em parceria com instituições, das quais destacamos o Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional (IPHAN). Desta parceria encontram-se livros referentes ao processo de tombamento dos prédios do Centro Histórico, como *Centro Histórico de Cuiabá. Patrimônio do Brasil* (CONTE e FREIRE, 2005) e *Patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso. Bens edificados pelo Estado e União*, organizado por Leilla Borges de Lacerda (2008) em colaboração de Cláudio Quoos Conte e Maria Teresa Carrión Carracedo. E também em parceria com historiadores o de Elizabeth Madureira Siqueira (2006), *Cuiabá: de vila a metrópole nascente; Patrimônio histórico e cultural de Mato Grosso*. O APMT em parceria com o Departamento de História da UFMT, sob a coordenação de Cândido Moreira Rodrigues (2009), organizou em 2008 o colóquio *200 anos da vinda da Família Real para o Brasil: Mato Grosso na formação da nação brasileira*.

Trata-se, portanto, essas iniciativas, de acordo com a nossa leitura, de uma “reconciliação” com os paradigmas da história tradicional a partir de outra forma de narrativa e de um novo exercício do olhar da parte de historiadores e pesquisadores sobre acervos e fontes localizadas nos arquivos locais.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO E A PESQUISA HISTÓRICA

Um dos marcos da pesquisa histórica em Mato Grosso nos últimos quarenta anos do século XX, diz respeito à criação do Departamento de História e do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR)⁵, em 1975, no campus de Cuiabá da Universidade Federal de Mato Grosso. Também como marco destes últimos quarenta anos, na década de 1980, foram criados, no Campus Pedagógico de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso, o Departamento de História e o Núcleo de Documentação Otávio Canavarros⁶.

Na década de oitenta, algumas linhas de pesquisa foram desenvolvidas no Departamento de História e NDIHR da UFMT, na capital, permitindo que professores e técnicos administrativos se alinhasssem em torno delas tais como: “Política colonial portuguesa na fronteira Oeste do Brasil”; “As minas de Cuiabá; primeiros tempos”; “A inserção do índio na sociedade nacional”; “A economia açucareira em Mato Grosso – séculos XVIII, XIX e XX”; “Elaboração de material didático instrucional de História de Mato Grosso para o ensino de 2º grau”; “Preparação de Instrumentos de trabalho para os estudos sobre a região”; “Levantamento de Fontes Primárias do Arquivo da Delegacia do Ministério da Fazenda de Mato Grosso”. Linhas estas impulsionados por: Luiza Rios Ricci Volpato, Iraci Galvão, Elizabeth Madureira Siqueira, Janete Cerqueira, Tomás de Aquino Silveira Boaventura, Joana Fernandes, Josita Priante, Edir Pina de Barros, Denise Maldini Meirelles, Maria de Fátima Roberto, Maurília Valdez Lucas do Amaral, Maria de Lourdes Bandeira, Therezinha de Jesus Arruda, Otávio Canavarros, Regina

⁵ O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional-NDIHR- teve seu projeto elaborado e aprovado no ano de 1975 tendo na equipe de elaboração: Célia Camargo De Simone, Therezinha Arruda, Maria Cecília Guerreiro de Sousa, Oswaldo Seva e consultores: Ana Maria de Almeida Camargo, Célia Camargo De Simone e Raquel Glezer. A Revista eletrônica do NDIHR, *Documento / Monumento*, criada no ano de 2009 pode ser acessada no site: <http://ufmt.br/ndihr/revista/>

⁶ O Departamento de História, campus de Rondonópolis, foi criado no ano de 1985. Em 2005, o Colegiado de Departamento aprovou um projeto que criou o Núcleo de Documentação Otávio Canavarros. Dentre a produção deste Departamento, destacamos o periódico *Coletâneas de Nosso Tempo*, cujo primeiro número remonta ao ano de 1997.

Beatriz Guimarães Neto, Neusa Bini Rosa, Ana Mesquita de Paiva, Maria M. P. C. Real, Nilza F. Geremias, Wilma Paixão Lian, Martha Arruda D. Paiva, Pedro Rocha Jucá, Edivaldo de Assis, Nyl-Isa Valadão, Haidee Pimentel, Walter Monte Cruz, Carlos Alberto Rosa, Alfredo da Mota Menezes e João Mariano de Oliveira, Kátia Maria Abud e Alcir Lenharo.

Estas linhas já demarcavam os primeiros seguros passos de pesquisadores com formação em História, Filosofia, Antropologia e Estudo dos Problemas Brasileiros, pois o Departamento de História, em sua formação, congregava professores e técnicos administrativos de várias áreas do conhecimento.

Tratava-se de uma época em que a UFMT recebeu os seus primeiros professores vindos dos mais variados estados brasileiros, que acompanhavam o movimento de deslocamento populacional rumo ao Centro-Oeste do país.

Desse encontro de professores, frutificaram, ao longo da década de 1980, pesquisas, dissertações e teses, com objetos de estudo sobre a “Política Colonial Portuguesa na Fronteira Oeste do Brasil”, “Mão-de-Obra Indígena”, “Escravidão”, “Criança Negra”, “Movimentos Sociais”, “Atividades Industriais”, “Relação Cidade–Campo” e “Política Internacional”, discutidas em Cursos de Especialização e apresentadas em seminários e em publicações (BOAVENTURA, 1987; BANDEIRA, 1988; CASTRO e ALEIXO, 1987), a exemplo da Revista da UFMT e no Jornal do NDIHR.

Tais trabalhos estavam em sintonia com pesquisas em voga, à época, relacionadas, na sua quase totalidade, ao campo da História Econômica Brasileira e Regional, e preocupadas com a história enquanto modo privilegiado de acesso à compreensão/explicação do social. Nesse aspecto o campo econômico era considerado o lugar para as mudanças.

No dizer de Ana Maria Burmester (1997), “*desprezava-se o político, em sua forma tradicional, mas, ao mesmo tempo, acreditava-se que pensar politicamente exato era pensar exato historicamente*”. Momento aquele em que se exigia o entendimento do imperialismo, da luta de classes, do Estado e de seus aparelhos.

Enveredando por esta seara, localizamos as pesquisas pioneiras de Alfredo de Mota Menezes (1987 e 1990), voltadas ao cenário das relações do Brasil com países sul-americanos, particularmente, o Paraguai, a exemplo de *A herança de Stroessner: Brasil-*

Paraguai: 1955-1980 e Do Sonho à Realidade: a integração econômica latino-americana.

Nesse período, a Universidade de São Paulo, USP, destacava-se como centro de produção do conhecimento e dotado do único curso de doutorado do país. Para a Universidade de São Paulo, dirigiam-se grande parte dos professores da UFMT cuja produção, aqui parcialmente elencada, alcançou visibilidade na historiografia regional.

Citamos primeiramente os livros *A conquista da terra no universo da pobreza: a formação da fronteira Oeste do Brasil*, de Luiza Rios Ricci Volpato (1987) e *Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre (1850-1888)*, de Lúcia Helena Gaeta Aleixo (1983). O trabalho de Volpato é considerado determinante para os estudos de Mato Grosso Colonial por contribuir com a abertura da discussão acerca de Mato Grosso no âmbito do quadro do Antigo Sistema Colonial e do conceito de “política de fronteira”. Na pesquisa de Aleixo, vem à tona, a discussão sobre a economia mato-grossense e a diversidade de atividades agrícolas e fabris, desenvolvidas pelos homens livre e escravos na Província de Mato Grosso.

Valmir Batista Correa (1976 e 1981), Lúcia Salsa Correa (1981) e Gilberto Luiz Alves (1984) destacam-se, igualmente, ao trazer para a academia estudos acerca da formação, desenvolvimento e navegação fluvial da Província sob a égide do capital financeiro.

Outros importantes estudos são lembrados, principalmente, por traduzirem a pujança das linhas de pesquisa do Departamento de História e do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), da UFMT, entre os quais ressaltamos os estudos históricos de Carlos Francisco Moura (1982 e 1986), Therezinha de Jesus Arruda (1983 e 1984), Carlos Alberto Rosa (1982) sobre o período colonial, notadamente, o arraial de Cuiabá e aspectos do comércio e sobre as nações indígenas do Pantanal (1991).

Elmar Figueiredo de Arruda (1987), em *Formação do Mercado Interno de Mato Grosso, século XVIII*, contribui para o debate sobre Mato Grosso Colonial, ao rebater a noção divulgada na historiografia sobre o declínio da mineração no século XVIII. O livro, *Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso, 1870 a 1930* (1991), de Fernando Tadeu de Miranda Borges, tornou-se

referência, ao discutir a inserção do Centro-Oeste na ordem capitalista mundial. De acordo com Borges (1992), no livro *Economia Brasileira: Posições Extremas*,

Os esquemas teóricos que tratam da história de Mato Grosso [...] podem ser divididos em termos dos que privilegiam os ‘fatores externos’ e dos que privilegiam os ‘fatores internos’. [...] É inegável que os autores [...] Luiza Rios Ricci Volpato, Alcir Lenharo, Lúcia Salsa Corrêa, Gilberto Luiz Alves e Valmir Corrêa Batista inclinam-se por um esquema de desenvolvimento fundado nos ‘fatores externos’, que explica que a economia mato-grossense seria explorada pela Metrópole, no período colonial, ou pelas economias mais desenvolvidas após a independência. Por outro lado, embora hoje se reconheça que a economia de Mato Grosso, efetivamente, participou do comércio internacional [...] há alguns autores que entendem ser preciso explicar seu desenvolvimento, com base, principalmente, em ‘fatores internos’. O exemplo disso é dado por Elmar Figueiredo de Arruda e Lúcia Helena Gaeta Aleixo, em suas dissertações de Mestrado. [...] Vimos, assim, que as interpretações do desenvolvimento de Mato Grosso tendem a se polarizar, alguns privilegiando os ‘fatores externos’ e outros os ‘fatores internos’, embora grande parte dos autores reconheça que ambos atuam simultaneamente como determinantes das características do desenvolvimento de Mato Grosso (BORGES, 1992, P.29-33).

Em tais pesquisas, o sistema capitalista, continuaria a ser a grande explicação para a realidade social. Eventos e fatos seriam relacionados às fases do capitalismo. Do ponto de vista teórico-metodológico, as referidas pesquisas revelavam a influência do marxismo, atentando para compreender as sociedades tomadas para estudo, no caso, Mato Grosso.

Estas pesquisas acompanhavam os interesses acadêmicos de analisar a natureza das relações entre Portugal e a Colônia portuguesa na América. Nesta linha de pesquisa citamos a importância do diálogo do Departamento de História com Alcir Lenharo, que em sua estada como professor visitante da UFMT, no final da década de 1970, dentre várias contribuições, deixou como legado, os livros *Crise e Mudança na frente Oeste de*

colonização: um estudo sobre as relações mercantis de Mato Grosso com o litoral e Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste (1982 e 1986)⁷.

As dissertações de mestrado de Maria de Fátima Costa (1987), *Tanque Novo: a dimensão política de um movimento religioso – MT 1930 – 1934* e *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos históricos*, de Elizabeth Madureira Siqueira (1992), demonstraram a pujança dos arquivos locais, como o APMT. Aqui as massas, mergulhadas na obscuridade, foram recuperadas em meio ao movimento messiânico liderado por “Dona Doninha” e a “Rusga”, este, um movimento regencial ocorrido em Cuiabá, ainda a ser revelado no âmbito da historiografia nacional. Com Elizabeth Madureira Siqueira (1990), em *O Processo Histórico de Mato Grosso*, ocorreu uma aproximação mais consistente entre o saber acadêmico e o saber escolar, para além dos muros da UFMT.

E ainda, alguns outros trabalhos tornaram-se igualmente referência na historiografia regional por expressarem com toda força as marcas das relações conflituosas de cidade-campo como os de João Mariano de Oliveira (1983), *A esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso de SINOP*; Regina Beatriz de Guimarães Neto (2002), *A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo* e Eudson de Castro Ferreira (1986), *Posse e Propriedade: a luta pela terra em Mato Grosso*. Inovaram sob o ponto de vista teórico-metodológico pela temática e por incorporar o uso de fontes orais, ainda escassas nas universidades brasileiras da época.

Na década de 1990, a capacitação de professores foi mantida e possibilitou aos Departamentos de História de Cuiabá e de Rondonópolis, uma diversificação teórico-metodológica, em que mesclavam-se paradigmas de explicação dominantes: o Marxismo e a Escola dos Annales, refletindo na ampliação dos eixos temáticos de pesquisas históricas.

Esse ecletismo, ou renovação, veio situar a História na confluência da Geografia, Demografia, Antropologia, Economia, Sociologia, Etnografia e Psicologia. A preocupação com o social, o mental e o econômico nos estudos históricos, revelava a ênfase na interdisciplinaridade, na conceitualização da história-problema e de novas

⁷ Sobre o legado de Alcir Lenharo para a historiografia de Mato Grosso, consultar: Revista *Territórios e Fronteiras*. v. 2, n. 2, Jul/Dez., 2001.

fontes para a pesquisa histórica, o que permitiu uma ampliação do que é considerado documento histórico.

Lembramos de Volpato (1993) em *Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá: 1850-1888*, por contribuir de maneira decisiva na abertura de novas fontes para a interpretação da escravidão urbana em Mato Grosso.

Os Seminários de pesquisa realizados na década de 1990, no âmbito do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT, dos quais ressaltamos o *I Seminário de pesquisadores, professores e alunos*, em 1992, coordenado por Lúcia Helena Gaeta Aleixo e Carlos Eduardo S. Carvalho, permite-nos situar o “estado da arte” da pesquisa histórica, embasados nos seguintes eixos temáticos: *A dinâmica sócio-econômica-ambiental; cidade-campo; A questão indígena Pensamento social contemporâneo e Documentação*.

Muitos dos participantes desse seminário avançaram e realizaram suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, abriram novas linhas de pesquisa, e publicaram seus trabalhos em forma de artigos e livros.

Os estudos sobre as nações indígenas foram implementados por Edir Pina de Barros, Joana Fernandes (1993), Maria de Fátima Roberto e Denise Meireles (1989), que desenvolveram atividades de ensino e pesquisa junto ao Departamento de História, principalmente, atividades de ensino-pesquisa e extensão junto ao *Museu Rondon* (Museu do Índio), da UFMT.

Tais pesquisas tornaram-se importantes referências na elaboração de trabalhos sobre a temática indígena, como o de Lilya da Silva Guedes Galetti (2000), que anos mais tarde, em sua tese de doutorado, *Nos Confins da “Civilização”:* sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso, discutiu as imagens construídas pelos olhares etnocêntricos dos viajantes e autoridades provinciais sobre Mato Grosso. Dentro da temática indígena, ressaltamos os trabalhos de Paulo Augusto Mário Isaac (1997 e 2004), *Educação Escolar Indígena Bóe-Bororo - Alternativa e Resistência em Tadarimana e Modo de Existir: Terenas na Comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso*; a dissertação de mestrado de Odemar Leotti (2001), *Labirinto das Almas: Política Indigenista em Mato-Grosso (1831-1895). A Diretoria Geral dos Índios*; a tese de doutorado de Thereza Martha Borges Presotti (2008), *Nas Trilhas das Águas. Índios e Natureza na conquista colonial do centro da América do Sul: Sertões e Minas do*

Cuiabá e Mato Grosso (Século XVIII); e a dissertação de Mestrado de Maria Inês Malta Castro, *O Preço do Progresso. A Construção da estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914)*, pormenorizando tensões e extermínio da população indígena em uma relação de confronto entre civilização e barbárie de nome “progresso”.

No âmbito dos estudos sobre “Documentação”, as publicações *Percorrendo manuscritos: entre Langsdorff e D’Alincourt*, de Maria de Fátima Gomes Costa e, *Viajando nos bastidores: documentos de viagem da expedição Langsdorff*, de Maria de Fátima Costa e Pablo Diener, inauguraram a linha de pesquisa, “Viajantes nos séculos XVIII ao XIX na América Meridional” (1993 e 1995).

Ainda na linha “Documentação”, citamos pesquisas voltadas aos estudos sobre “Educação e Memória”, de Elizabeth Madureira Siqueira. e Nicanor Palhares Sá, com desdobramentos na confecção de arranjo de arquivos voltados à preservação da memória local e regional. Também de Elizabeth Madureira Siqueira a tese de doutorado, *Luzes e Sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso* (2000). A temática “Educação e Memória” foi ampliada com os estudos dos historiadores Laci Maria Araújo (2004), em *O processo de expansão escolar em Mato Grosso (1910-1946): uma abordagem histórica e Memória e Patrimônio histórico em Rondonópolis*; Maria Elsa Markus Alves (1997), em *Conselho de pais e mães: o desafio participativo numa proposta de democratização da escola pública* e Ivanildo José Ferreira em, *Direitos Humanos e Educação Popular*. Carlos Américo Bertolini (2000) em, *Encenações patrióticas: a educação e o civismo a serviço do Estado Novo (1937-1945)*, abordou o caráter pedagógico das encenações que representavam as imagens de unanimidade nacional e de harmonia social, diretrizes teóricas da ação educacional do Estado Novo.

O Guia de pesquisa, *Os Mapas de Habitantes de Mato Grosso (1768-1872)*, de Edvaldo de Assis (1994) e estudos embasados em registros eclesiásticos, de Maria Adenir Peraro (1992), possibilitaram a abertura de linhas de pesquisa voltadas a temática sobre “população” e “instituições”, famílias, igreja e exército. Também na linha de pesquisa sobre “população”, insere-se trabalho de Jovam Vilela da Silva (1995), ao discutir a composição da população de Mato Grosso no período colonial, caracterizada pela fusão inter-étnica de índios, negros e brancos.

Na década de 1990 e início da primeira do século XXI, localizamos pesquisas relevantes voltadas aos séculos XVIII e XIX, com temáticas sobre a vida urbana colonial, montagem da estrutura institucional de poder nos primórdios da Vila de Cuiabá, narrativas de representações de naturalistas sobre o Pantanal brasileiro, formas de ocupação e colonização de Mato Grosso, famílias e sociedade à época da Guerra do Paraguai.

Carlos Alberto Rosa (1996), em *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, (Vida Urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808*, contribuiu para avançar os estudos voltados à vida urbana colonial como uma das dimensões do processo colonizador. Otávio Canavarros (2004), em *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)* retomou os estudos sobre a formação do Império colonial lusitano e analisou a montagem da estrutura institucional e o exercício do poder político na Vila de Cuiabá. Uma pesquisa que merece ser destacada como resultado do trabalho realizado pelo Departamento de História com o NDIHR refere-se a *Coletânea de Documentos Raros do Período Colonial (1727-1746)*, dos autores Eliane Maria Oliveira Morgado (2007), Nileide Souza Dourado, Otávio Canavarros e Vera Lúcia Duarte Macedo, pesquisa esta retomada após várias décadas com inspiração no projeto *Inventário de Documentos Históricos sobre o Centro-Oeste, Coleção Documentos Ibéricos*.

Maria de Fátima Costa (1999) em *História de um país inexistente. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, trouxe para os estudos históricos a preocupação com as representações de leituras sobre o espaço sul-americano, denominado *Pantanal*. Situamos os estudos de Leny Caselli Anzai (2004), *Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira*, sobre doenças endêmicas que atingiram os moradores da Capitania de Mato Grosso, em fins do século XVIII. Ainda de Leny Caselli Anzai, em parceria com Janaína Amado (2006), a publicação *Anais de Vila Bela, 1734-1789*, com informações sobre a memória cronológica da região do Guaporé nos oitocentos.

Sobre o século XIX, João Antonio Botelho Lucídio (1993), em *Nos Confins do Império. Um deserto de homens povoado por bois. (A ocupação do Planalto Sul Mato Grosso, 1830-1870)*, trouxe à tona diferentes visões de “sertão” para detectar as formas de organização de vida no planalto central brasileiro. Lucídio (2008) no livro *Ofício e Arte. Fotógrafos e Fotografias em Mato Grosso (1860-1960)*, traz uma reflexão sobre

as mudanças ocorridas no espaço mato-grossense através de imagens fotográficas. Destacamos Marcio Moreira (2000) que escreveu *Cuiabá na lente do foto Chau*, uma recuperação dos registros fotográficos do armênio Lázaro Papazian, sobre a vida urbana de Cuiabá numa parte do século XX. Maria Adenir Peraro (2001), em *Bastardos do Império. Família e sociedade em Mato Grosso na segunda metade do século XIX*, percorreu caminhos engendrados no contexto da reprodução da bastardia, com olhar atento ao período de vigência da Guerra com o Paraguai. A temática “guerra”, foi discutida no *1º Ciclo Internacional de Conferências: Guerra do Paraguai e Mercosul – um paralelo historiográfico*, realizado pelo Departamento de História do campus de Rondonópolis, com resultados publicados na revista *Coletânea do Nosso Tempo* (2000/1).

O livro de Oswaldo Machado Filho (2006), *Ilegalismos e Jogos de Poder: um crime célebre em Cuiabá (1872), suas verdades jurídicas e outras histórias policiais*, é exemplo de como a história do acontecimento pode ser rica combinando a história do tempo curto com as conjunturas e estruturas. Ernesto Cerveira de Sena (2009), *Entre anarquizadores e pessoas de Costumes. A dinâmica política nas fronteiras do Império. Mato Grosso, 1834-1870*, contribuiu com o estudo da história política regional ao fornecer vozes aos próprios atores da arena partidária mato-grossense.

A diversificação dos centros de produção do conhecimento histórico no país contribuiu para a multiplicação das tendências historiográficas, confirmadas na década de 1990 com a implantação de novos Programas de Pós-Graduação, mestrados em História, nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Dentre os Programas de mestrado criados no final da década de noventa, destacamos o Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História - *História: Territórios e Fronteiras* do Departamento de História do ICHS-UFMT, cuja implantação ocorreu no ano de 1999.

A CONTRIBUIÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA PÓS-GRADUAÇÃO

No âmbito do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História da UFMT, as teses e os projetos de pesquisa dos docentes que viabilizaram a implantação da proposta do Programa em seus primeiros cinco anos e os que a ela se agregaram posteriormente, deram uma importante contribuição à área de concentração do Programa *História, Territórios e Fronteira* e foram decisivos na afirmação das linhas de pesquisa:

Território e Fronteiras: Temporalidades e Espacialidades e Fronteiras, Identidades e Transculturação.

Estimularam o debate intelectual no sentido de identificar novos e velhos postulados trazidos pela historiografia internacional e brasileira em consonância com a proposta original do Programa em direção a uma concepção mais abrangente da “noção de fronteira”: [...] “Trata-se aqui de uma ampla gama de condições em que se confrontam-encontram-confundem as temporalidades, ambientes, culturas, etnias, gêneros e estilos de vida distintos.” (PPGHis, 1998, p.11). Tais projetos contemplaram campos de pesquisa que abarcaram os períodos colonial, imperial, republicano e contemporâneo situados na configuração territorial da América do Sul, da Amazônia e do Centro-Oeste do Brasil

A viabilização e desdobramento dos projetos do PPGHis tornou possível o aprofundamento de pesquisas relacionadas a temas multifacetados como: Cidades de Mineração (GUIMARÃES NETO, 2006), Vivências Urbanas (ROSA e JESUS, 2003), Rios e Cidade COSTA e DINER, 2000; BRANDÃO, 2002), Garimpos (BARROZO, 2000), Arquivos Eclesiásticos (PERARO, 2000), Arsenal de Guerra e Infância pobre (CRUDO, 1999); Viajantes nos Séculos XVIII ao XIX na América Meridional (COSTA, 2003), Indígenas e quilombolas (LEITE, 2006), Mitos do Pantanal (LEITE, 2000), Migração e Colonização (BARROZO, 2004), Igreja Católica (JOANONI NETO, 2004), História da Leitura (CANAVARROS, 2003), Cidades da Amazônia (GUIMARÃES NETO, 2003) e Relações Internacionais (PENNA FILHO, 2004).

A partir de 2004 tais pesquisas temáticas, afirmaram-se no Programa e outras foram sendo elaboradas, dando origem a Grupos⁸ e Núcleos de Pesquisa, que fomentaram uma importante produção científica no Programa e Departamento de

⁸Grupos de pesquisa e respectivos coordenadores: *Fronteiras: Identidades, Integração Regional e Transculturação*, desenvolvido no Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), por Pio Penna Filho, entre os anos de 2004 a 2006; *Migrações, Culturas e Cidades*, na Amazônia Meridional–MT, coordenado por Regina Beatriz Guimarães Neto de 2004 a 2008; *Mulheres paraguaias, militares e Guerra do Paraguai*, por Maria Adenir Peraro, de 2004 a 2009 e depois por Fernando Tadeu de Miranda Borges; *História da Leitura em Mato Grosso*, por Otávio Canavarros, de 2004 aos dias atuais; *História, Arte, Ciência e Poder*, coordenado por Maria de Fátima Gomes Costa, de 2005 aos dias atuais; *História, Terra e Trabalho* coordenado por Vitale Joanoni Neto, de 2005 aos dias atuais; Grupo *Laboratório de Estudo da Antiguidade e do Medievalo (VIVARIUM)*, coordenado por Marcus Cruz, de 2008 aos dias atuais, também diretores da Associação Brasileira de Estudos Medievais, sediada em Mato Grosso entre 2009 e 2011.

História, possível de serem vislumbradas mediante seminários, cursos de especialização, publicações em editoras locais, nacionais e internacionais.

À título de ilustração, informamos que o Programa de Pós-Graduação, mestrado em História, desde a sua implantação no ano de 1999 ao final de 2010, apresentava-se com 137 dissertações defendidas. Tais dissertações denotam um momento muito próprio da historiografia brasileira que foi o da reaproximação dos historiadores com a documentação, os novos arquivos e acervos e o reforço da interdisciplinaridade. Ao longo de onze anos de produção historiográfica do Programa torna-se possível notar a tendência de pesquisas identificadas com os paradigmas da História Cultural.

O levantamento realizado no ano de 2007, por Rosani Kellen dos Santos Silva (2008), sob orientação de Otávio Canavarros, continua sendo validado para os anos de 2008 a 2010, quando afirmou que do total das então 83 das dissertações estudadas e defendidas entre dezembro de 2000 a fevereiro de 2008, o maior interesse foi pelo estudo da História Cultural com 37,34%, vindo a seguir a História Política com 26,52% e a História Social com 20,48%. Quantificadas as dissertações por temáticas, a preferência maior primou por estudos sobre colonização/migrações/povoamento, fronteiras, indígenas, mulheres e saúde/doença.

Esses estudos permitem que tenhamos em mãos um instigante painel de como está sendo escrita a História de Mato Grosso em tempos históricos distintos, a partir de perspectivas e enfoques diferenciados.

Podemos situar a contribuição historiográfica de Regina Beatriz Guimarães Neto (2006), em *Cidade de mineração*, na qual a autora traz, fontes orais e fotográficas, da ocupação do antigo leste de Mato Grosso na primeira metade do século XX por migrantes vindos da Bahia. Outra pesquisa sobre mineração, que destacamos, refere-se ao trabalho *Em busca da pedra que brilha como estrela*, de João Carlos Barrozo (2007), onde o autor abordou os garimpos de Alto Paraguai e Diamantino (MT), e recuperou as rotas migratórias de garimpeiros entre Bahia e Mato Grosso. Também organizado por João Carlos Barrozo (2002) ressaltamos o livro *Diamantino: do extrativismo à agricultura moderna*, em que são tratados aspectos históricos e sociológicos dessa cidade e de seu entorno, passando pela presença da igreja católica e pela questão agrária. João Carlos Barrozo (2009) organizou ainda a coletânea *Mato Grosso: do sonho à utopia da terra*, uma amostragem do potencial da produção de pesquisas

consumadas em dissertações no PPGHis. Também o referido autor (2002), em co-autoria, junto à equipe do *Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU)*, em *Colonização oficial em Mato Grosso: a nata e a borra da sociedade*, trouxe resultados de pesquisa sobre o processo de ocupação da BR-163, por iniciativa da colonização dirigida.

Vitale Joanoni Neto (2007) em *Fronteiras da crença*, tratou do processo de colonização, no noroeste de Mato Grosso, entre o final de 1970 e meados de 1980, discutiu as experiências de ocupação realizadas pelo governo estadual, com destaque para a presença da igreja católica e mediante documentos orais, trouxe as vicissitudes e estratégias da vida dos migrantes.

No livro *Esperando o trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá*, Fernando Tadeu de Miranda Borges (2005), fez um amplo levantamento dos sonhos e das esperanças dos habitantes de Cuiabá, centro geodésico da América do Sul, que espera, desde 1852, por um trem que nunca chegou. Em *Prosas com governadores de Mato Grosso (1966-2006)*, Borges (2007) apresentou os relatos colhidos entre 14 ex-governadores de Mato Grosso, mapeando o cotidiano do contexto histórico através da memória dessas lideranças políticas.

As relações internacionais foram foco da atenção dos professores do PPGHis. No livro de Alfredo da Motta Menezes (2006) e Pio Penna Filho, *Integração regional – Os Blocos Econômicos nas Relações Internacionais*, o conceito de integração econômica foi discutido, assim como os seus principais estágios de desenvolvimento em termos de abrangência e profundidade no âmbito da “Associação Latino Americana de Livre Comércio”. Tereza Cristina Cardoso de Souza Higa (2008) organizou o livro *Estudos Regionais Sul-Americanos*, resultante dos resultados de pesquisa apresentadas no *I Seminário Internacional de Estudos Sul-Americanos*, realizado na cidade de Cuiabá, em 2005, com abordagens sobre fronteiras, economia e integração regional, diversidade de paisagens e aspectos culturais.

Laci Maria Araújo (2008) em *Movimentos sociais em Mato Grosso: desafios e conquistas*, traçou um panorama da história dos movimentos sociais em Mato Grosso, particularmente em Rondonópolis, tendo como foco central as Comunidades Eclesiais de Base e suas lutas no período de 1974 a 1989. Flávio Antonio da Silva Nascimento (1997), em *Aceleração temporal na fronteira: estudo do caso de Rondonópolis, MT*, fez

um estudo sobre a ocupação territorial do Vale de São Lourenço combinada à expansão do capitalismo no território nacional.

Maria Adenir Peraro (2002), Elizabeth Madureira Siqueira e Sibeles Moraes elaboraram o livro *Memória da Igreja em Mato Grosso. O arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá*: No trabalho, foram contempladas discussões metodológicas sobre a montagem do arranjo documental e apresentou as formas de acesso aos códices, livros de batismo, crisma, óbitos, casamentos e acervo fotográfico. Em *Educação e Modernidade: os salesianos em Mato Grosso, 1894-1919*, Adilson José Francisco (2010), discutiu o ideário educativo dos religiosos de Dom Bosco atuantes em Mato Grosso, desde a primeira República, em sintonia com a disciplina, racionalidade e educação para o trabalho.

Existem várias coletâneas produzidas com a participação de pesquisadores do PPGHis/UFMT, de outros programas de pós-graduação, de egressos e de alunos. Para citar alguns exemplos, *História, cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil*, organizado por Antonio Torres Montenegro (2008), Antonio Paulo Rezende, Isabel Cristina Martins Guillen, Flávio W. Teixeira, da UFPE, e Regina Beatriz Guimarães Neto e Leny Caselli Anzai, da UFMT, possibilitando um maior estreitamento do intercâmbio dos Programas de Pós-Graduação em História realizado entre as duas instituições mencionadas.

Mulheres e Famílias no Brasil, livro organizado por Maria Adenir Peraro (2005) e Fernando Tadeu de Miranda Borges, reuniu professores e pesquisadores, a exemplo de Nanci Leonzo, da USP, com o artigo *O casamento e a moral doméstica*, e Flávio Azevedo Marques de Saes, também da USP, com o artigo *A obra de Alice Canabrava na historiografia brasileira*. E o livro *Trajetórias de Vidas na História*, organizado por Fernando Tadeu de Miranda Borges (2008), Maria Adenir Peraro e Viviane Gonçalves da Silva Costa, reuniu também professores e pesquisadores, dos quais destacamos os artigos *Do sertão ao litoral: a trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro Deus de Caim em 1968*, de Juliano Moreno Kersul de Carvalho e *Por toda uma vida: a trajetória de uma mulher nordestina*, de Nileide Souza Dourado.

No livro *Política, Ambiente e Diversidade Cultural*, Vitale Joanoni Neto (2007) organizou os trabalhos que foram apresentados no VI Seminário do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, realizado para divulgar os resultados de pesquisas. Maria

Adenir Peraro (2009), organizou o livro *Igreja Católica e os cem anos da Arquidiocese de Cuiabá (1910-2010)*, com artigos e dossiês sobre a igreja católica, como resultado do Seminário do Jubileu.

Vitale Joanoni Neto (2008), no livro *Da esperança do El Dorado à degradação do humano*, reuniu relatórios de bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica, ligados a projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos *História, Terra e Trabalho*, com temas relacionados à ocupação do Estado e efeitos sociais sobre trabalhadores migrantes. Em *História, Terra e Trabalho em Mato Grosso: ensaios teóricos e resultados de pesquisa*, Marluza Marques Harres e Vitale Joanoni Neto (2009), apresentaram os resultados das pesquisas desenvolvidas no Vale do Araguaia mato-grossense tendo como focos a Igreja Católica, a exploração da força de trabalho migrante e a pequena propriedade de produção familiar. Maria de Fátima Costa e Pablo Diener (2010), organizaram o livro *Rios e Cidade* e publicaram os resultados na Revista *Documento/Monumento*, do NDIHR, dando uma importante contribuição sobre a temática

Considerações finais

É importante frisar que estes trabalhos demonstram a vitalidade e a dinâmica ascendente das pesquisas desenvolvidas e estimuladas pelo corpo docente do PPGHis/UFMT e que tem envolvido alunos de graduação e de pós-graduação, docentes da UFMT das mais diversas áreas, egressos do PPGHis, e pesquisadores de outras instituições. Seu espectro de abrangência é amplo, indo da História Econômica à História Cultural, tendo na mira a interdisciplinaridade com a literatura, sociologia, antropologia, filosofia, geografia, economia e política. Diríamos que nós historiadores e pesquisadores desfrutamos de um rico momento diante das múltiplas combinações que podemos enveredar e das múltiplas possibilidades que se abrem e se descortinam diante de nossos olhares, o que nos permite avançar e abrir novos veios de estudos sobre Mato Grosso, viabilizando um entendimento mais amplo da História do Brasil, ancorados em linhas de pesquisa da Pós-Graduação, agora revigoradas diante da aprovação do doutorado em História. Somam-se a isso, a produção realizada pelos alunos e alunas egressos da Pós-Graduação, Mestrado em História e das instituições voltadas à preservação da memória local e regional e mais recentemente a constituição de um

grupo de pesquisadores da antiguidade clássica e da medievalidade, cuja produção começa a aparecer no país e no exterior. E por fim, registramos que o sentimento deixado pelos historiadores de várias gerações permanece sendo cultivado por nós, o amor pela História.